

PALHAÇARIA HOSPITALAR COMO PRÁTICA DE HUMANIZAÇÃO EM SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DO HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO EM GUARAPUAVA.

Acadêmico: Marco Aurélio Silva – UNESPAR

Professora Orientadora: Dra. Jaqueline Vasconcellos - UFBA

Resumo

Este trabalho investiga a prática da palhaçaria hospitalar como instrumento de humanização no cuidado à saúde, a partir da experiência do Hospital São Vicente de Paulo em Guarapuava. O objetivo é analisar como ações culturais, especialmente a arte do palhaço, contribuem para o bem-estar de pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde, em um contexto de escassez de recursos e desafios estruturais. Por meio de uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e entrevista com a coordenadora do setor de humanização do hospital, explora-se a interface entre arte, cultura e saúde. A análise é guiada pelo conceito de interseccionalidade, destacando como múltiplos marcadores sociais influenciam o acesso a cuidados mais humanizados. Conclui-se que a palhaçaria hospitalar promove não apenas alívio emocional e psicológico, mas também reforça práticas inclusivas e empáticas no sistema público de saúde.

Palavras-chave: Humanização, Palhaçaria Terapêutica, Saúde Pública, Cultura, Interseccionalidade

Abstract

This study investigates the practice of hospital clowning as a tool for humanizing health care, based on the experience of Hospital São Vicente de Paulo in Guarapuava. The objective is to analyze how cultural actions, especially the art of clowning, contribute to the well-being of patients, companions, and healthcare professionals, within a context of limited resources and structural challenges. Through a qualitative approach, based on literature review and an interview with the hospital's humanization sector coordinator, this research explores the interface between art, culture, and health. The analysis is guided by the concept of intersectionality, highlighting how multiple social markers influence access to more humanized care. The study concludes that hospital clowning not only promotes emotional and psychological relief but also reinforces inclusive and empathetic practices in the public health system.

Keywords: Humanization, Therapeutic Clowning, Public Health, Culture, Intersectionality

INTRODUÇÃO

Este artigo revisional integrativo tem como objetivo explorar a atuação do grupo de Palhaçaria Hospitalar, no Hospital São Vicente de Paulo em Guarapuava, como um espaço de interseção de cultura e saúde, destacando seus impactos e implicações para a comunidade local. Entende-se que essa abordagem amplia a visão sobre cultura, ao incluir práticas que envolvem e engajam as comunidades, promovendo suas diversidades e potencialidades.

A análise parte de uma perspectiva interseccional, citado por Vasconcellos (2021), o potencial transformador de integrar diferentes esferas governamentais para fomentar o acesso à arte e à cultura em ambientes educacionais. Embora originalmente focado na Bahia, esse modelo pode ser adaptado para o desenvolvimento de ações culturais em outros espaços físicos, como já ocorre em Fortaleza, no Ceará, ou em iniciativas similares que existem em diversas cidades do Brasil, ampliando seus benefícios e impactos em diferentes contextos, neste caso, arte e saúde.

A interseccionalidade é uma ferramenta analítica e prática fundamental para a formulação de políticas públicas mais justas e eficazes. Conforme destacado por GPUBLICAS.ORG (2022), esse conceito propõe a consideração de múltiplos marcadores sociais — como raça, gênero, classe e outros — para compreender e enfrentar as desigualdades de forma mais abrangente e inclusiva. O conceito assume também uma dimensão política, ao propor alianças entre movimentos sociais, e administrativa, ao orientar práticas institucionais mais inclusivas.

Lindaura Guerra (2011), evidencia a atuação do palhaço como profissional do lazer e agente de transformação institucional, sugere a prática da Palhaçaria Hospitalar, como abordagem lúdica e eficaz de ações artísticas, contribuinte para um ambiente hospitalar mais acolhedor e acessível, transformando não apenas a rotina de pacientes e profissionais, mas também as estruturas institucionais por meio da cultura.

Com base similar ao projeto “Doutores da Alegria”, essa organização, formada por artistas especializados em técnicas de teatro *clown* e artes circenses, realiza intervenções para pacientes hospitalizados, com foco em crianças. As ações ocorrem em um ambiente que contrasta com o contexto clínico, gerando respostas emocionais que podem contribuir para a redução de tensões, medo e ansiedade, além de auxiliar na adesão ao tratamento médico. (OLIVEIRA, 2016)

Trazer a palhaçaria hospitalar como uma prática interseccional que articula arte, cultura e saúde, tomando como estudo de caso a experiência do Hospital São Vicente de Paulo em Guarapuava. Partindo do referencial da Política Nacional de Humanização (PNH) e do conceito de clínica ampliada, discutimos como intervenções baseadas na linguagem do palhaço podem promover um cuidado mais equitativo e acolhedor, superando barreiras simbólicas e estruturais.



O papel da cultura na transformação de espaços.

Apesar dos desafios, o papel das intervenções culturais na transformação de espaços de saúde é inegável. Ao aliar cultura e saúde, o programa demonstra como abordagens interseccionais podem transformar realidades e promover inclusão de forma ampla e sustentável. Este processo passa pela elaboração de Políticas Públicas, como, “estratégias que apontam para diversos fins [...] destinadas a manter ou modificar a realidade de um ou vários setores da vida social...” (FERRAREZI; SARAVIA, 2006, pág.28).

A integração entre cultura, educação e saúde, aliada a uma abordagem interseccional, demonstra como políticas públicas podem ser construídas de forma ampla e integrada, atendendo às necessidades da população de maneira mais eficaz e inclusiva.

Capella (2018), concebe a formulação de políticas como um processo complexo e dinâmico, envolvendo uma multiplicidade de atores, instituições e interesses que interagem em arenas decisórias. Enfatiza que esse processo não é linear nem puramente técnico, mas profundamente político, marcado por conflitos, negociações e escolhas que refletem valores, poder e visões de mundo.

Essa intersecção permite conectar as ideias centrais de cultura e saúde, reforçando a relevância da cultura como ferramenta transformadora em diferentes contextos. Embora haja indícios do conhecimento, por parte dos profissionais de saúde, acerca dos direitos das crianças hospitalizadas, e se constate a melhoria do estado psíquico e a maior receptividade a interações lúdicas, tais práticas ainda carecem de sistematização e de maior inserção nas políticas públicas de forma estruturada (ESTEVES, ANTUNES e CAIRES, 2014).

Esta abordagem destaca a importância das ideias, dos contextos institucionais e dos mecanismos de coordenação e cooperação entre governo e sociedade na construção de respostas às demandas públicas.

O Sistema Nacional de Cultura (SNC), instituído pelo Art. 2016-A da Constituição Federal, representa um importante mecanismo para a gestão e promoção de políticas públicas de cultura. Caracteriza-se por ser um processo democrático e permanente, organizado sob um regime de colaboração entre os diferentes entes federados e sociedade civil.

Fundamenta-se em princípios que visam à adoção da interseccionalidade na formulação de políticas públicas, conforme destacado nos seguintes dispositivos:

IV. Cooperação entre os entes federados, os agentes públicos e privados atuantes na área cultural;

V. Integração e interação na execução das políticas, programas, projetos e ações desenvolvidas.

Dessa forma, o SNC consolida-se como um sistema articulado, pautado na transversalidade das políticas culturais e no reconhecimento das diversidades, em conformidade com o ordenamento jurídico brasileiro e essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, especialmente em áreas como cultura, educação e saúde, onde as desigualdades sociais são mais evidentes.

A PNH, desde 2003, existe para efetivar práticas de Gestão e atenção a rede de saúde pública do Brasil, promovendo a comunicação, valorização e humanização de todos os envolvidos nos processos de produção de saúde. A PNH propõe uma clínica ampliada, que integra dimensões subjetivas e sociais ao cuidado em saúde (BRASIL, 2003).

No contexto da palhaçaria hospitalar, essa abordagem se materializa ao integrar dimensões emocionais, sociais e lúdicas ao cuidado, transformando o ambiente hospitalar e promovendo autonomia e protagonismo dos sujeitos – alinhando-se, portanto, aos princípios da PNH.

A prática da Interseccionalidade e seu fundamento legal

A interseccionalidade, portanto, não se limita à teoria, mas se materializa em ações concretas que buscam promover equidade social. Sua aplicação em projetos culturais, reforça a importância de considerar as múltiplas dimensões da identidade na elaboração de políticas públicas.

Permite analisar marcadores sociais como classe, raça e gênero impactam o acesso a práticas humanizadas. Esses princípios buscam promover a equidade, considerando múltiplas dimensões sociais, tais como raça, gênero e classe, alinhando-se a um marco legal consolidado em temas culturais, educacionais e de saúde.

Dentre os principais instrumentos normativos, destacam-se:

a) Constituição Federal de 1988 – Artigo 3º, IV (promoção do bem de todos, sem preconceitos) e Artigo 215 (proteção e valorização das manifestações culturais);

b) Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) – Combate à discriminação e promoção da equidade étnico-racial;

c) Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) – Abordagem interseccional entre gênero, raça e classe no enfrentamento à violência contra a mulher;

d) Plano Nacional de Educação – PNE (Lei nº 13.005/2014) – Meta 8, que prevê a valorização da diversidade e a equidade na educação;

e) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996) – Artigo 26-A, que assegura a inclusão e a valorização das identidades culturais no currículo escolar;

f) Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991) – Mecanismos de incentivo e financiamento à cultura, com potencial para fomentar projetos que abordem questões de equidade.

A Palhaçaria Hospitalar: Interseccionalidade, Arte e Transformação Social

A palhaçaria hospitalar consolida-se como uma potente ferramenta de transformação social, operando por meio de uma perspectiva interseccional que articula arte, saúde e cultura. Sua atuação no ambiente hospitalar evidencia a capacidade da linguagem artística de transcender contextos institucionais rígidos e promover práticas de cuidado mais humanizadas e inclusivas.

Essa iniciativa reconhece que marcadores sociais como classe, raça, gênero, idade e território influenciam diretamente o acesso a direitos e a qualidade das experiências de saúde. Atua não apenas no alívio imediato do sofrimento, mas também na desconstrução de barreiras simbólicas e materiais que perpetuam desigualdades no acesso ao cuidado. Por meio de sua linguagem universal e não-verbal, ela transcende diferenças etárias, culturais e socioeconômicas, alcançando pacientes, acompanhantes e profissionais em sua singularidade.

Ao integrar arte e saúde, a prática cria pontes entre a dimensão clínica e a experiência humana subjetiva, equilibrando técnica científica e afeto. Essa integração materializa os princípios da clínica ampliada ao incorporar dimensões emocionais, simbólicas e culturais no processo de cuidado. Do ponto de vista das políticas públicas, a palhaçaria hospitalar representa uma iniciativa cultural em ação no sistema de saúde, demandando financiamento estruturado, reconhecimento institucional e participação comunitária para florescer.

Seu sucesso depende fundamentalmente da cooperação entre setores—princípios estes alinhados com o SNC e com a PNH. A sustentabilidade dessas iniciativas exige que sejam reconhecidas como tecnologias leves de produção de saúde, capazes de gerar economias afetivas e clínicas significativas para o sistema público.

A Arte da Palhaçaria Hospitalar: Terapia, Humanização e Desafios

A presença de intervenções culturais, como as realizadas pelos grupos de Palhaçaria Hospitalar, exemplifica como a arte pode transformar a experiência de cuidado, aliviando tensões e promovendo uma adesão mais efetiva aos tratamentos médicos.



Com o surgimento dos grupos que atuam no Hospital São Vicente de Paulo em Guarapuava, chamado neste caso de “Palhaçaria Hospitalar ou Terapêutica”, pretende-se trabalhar com o Princípio da Humanização Hospitalar.

A humanização no hospital vai além de um atendimento cordial, ela busca criar um ambiente acolhedor por meio de ações lúdicas e culturais, especialmente a palhaçaria terapêutica, podem quebrar a rigidez do ambiente hospitalar, promovendo bem-estar emocional e psicológico que, aliviam o estresse e a dor, e mostram-se uma ferramenta essencial para melhorar a experiência de pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde.



Percurso Metodológico

Este estudo se pautou em uma abordagem qualitativa e exploratória, de natureza empírica e localizada da experiência analisada. Reconhece-se como limitação do estudo o seu caráter exploratório e o foco em um caso único, o que não permite generalizações amplas, (SILVA *et al*, 2021).

Por meio de entrevista semiestruturada realizada em 24 de março de 2025, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A partir da transcrição, foram identificadas e contextualizadas com a experiência analisada, dialogando com o referencial teórico, conforme a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

A entrevistada Tânia Mancilla, coordenadora do Departamento de Humanização do Hospital São Vicente de Paulo e responsável pelos grupos de Palhaçaria Hospitalar, foi informada sobre os objetivos do estudo e concordou com a participação e gravação, sendo possível aprofundar a compreensão sobre a prática e seus impactos.

Em sua fala, Mancilla (2025) esclarece o conceito de humanização que orienta o projeto, detalha o propósito das intervenções com palhaços, além de discorrer sobre os desafios, fontes de recursos e perspectivas futuras para a iniciativa. Para Tânia:

“a humanização, quebra a lógica hospitalar, transformando um local associado a sofrimento em um espaço de alegria e esperança. Projetos como o da “Palhaçaria Hospitalar”, massoterapia, musicalização e eventos temáticos (como o bloco de carnaval realizado no hospital) demonstram que pequenas intervenções podem ter um impacto significativo na qualidade de vida dos pacientes.”

A prática da palhaçaria no Hospital São Vicente de Paulo em Guarapuava, na qual observamos o alívio da ansiedade em pacientes, dialoga diretamente com o conceito de “clínica ampliada” que propõe a integração de dimensões emocionais e sociais ao cuidado em saúde, e se alinha com as diretrizes da PNH - HumanizaSUS de criar ambientes mais acolhedores.

Apesar dos avanços, ainda há resistências culturais. Algumas pessoas associam hospitais a silêncio e seriedade, mas, como Mancilla (2025) relata, “a maioria dos pacientes e colaboradores recebe bem as intervenções humanizadas.” Complementa ainda que, “a palhaçaria hospitalar surge como uma das estratégias mais eficazes nesse processo.” Explica que:

“o riso tem efeitos cientificamente comprovados: ele reduz a ansiedade, ameniza a dor e melhora o estado emocional de todos no ambiente hospitalar. Além disso, a figura do palhaço transcende barreiras sociais, culturais e etárias, permitindo uma comunicação universal e inclusiva.”



Seu objetivo é transformar o Hospital São Vicente de Paulo de Guarapuava em referência em humanização no Paraná, seguindo exemplos como o Hospital de Amor (antigo Hospital de Câncer de Barretos), onde a cultura humanizada elevou as taxas de cura e satisfação.

Além disso, a futura casa de apoio, que está sendo construída anexa ao hospital, reforçará a necessidade de integração entre tratamento médico e suporte emocional, mostrando que a saúde não se resume a procedimentos técnicos, mas também ao acolhimento.



Essas iniciativas não apenas divertem, mas também educam, abordando temas como saúde bucal, prevenção ao câncer e até mesmo questões complexas como violência infantil, quando aplicadas em outros contextos.

Além disso, a viabilidade econômica e a logística de implementação em larga escala são questões que precisam ser consideradas, já que tais programas exigem investimentos e recursos financeiros, o que pode ser um obstáculo em hospitais com orçamentos limitados.

A existência do SNC é condição necessária, mas não suficiente. Oportunidades reais de fomento, necessitam ser criadas no combate a lógica da precariedade e do voluntariado como única forma de sustentação. Esta realidade ilustra como a intersectorialidade entre cultura e saúde, ainda que teoricamente incentivada, não se efetiva na operacionalização de editais, convênios ou linhas de financiamento que consigam alcançar e fomentar projetos como este.

Fonte de Recursos para Realização da Palhaçaria Hospitalar no Hospital São Vicente de Paulo de Guarapuava

Quanto às fontes de financiamento e parcerias, Tânia diz que não há apoio governamental e a sustentabilidade do projeto, ocorre de forma voluntária, a confecção de fantasias, adereços e outros elementos, é por conta própria, eventualmente realizam algum tipo de arrecadação, como rifas, e todo dinheiro arrecadado é para investimento no grupo, mostrando que a solidariedade e o comprometimento podem suprir a falta de recursos financeiros.

Sugere-se o estudo de um projeto de obtenção de recursos para a manutenção e fomento da palhaçaria hospitalar, especialmente inserido na interface entre cultura e saúde, segundo as leis e programas de financiamento vinculados à área da cultura que podem ser utilizados. A seguir:

✓ Lei de Incentivo à Cultura (ROUANET/AUDIOVISUAL Lei 8313/1991): Permite que empresas e pessoas físicas destinem parte do imposto de renda para projetos culturais aprovados, como neste caso, Projetos de palhaçaria podem ser enquadrados como “Artes Cênicas” (teatro, circo), “Artes Integradas” ou “Projetos Sociais com linguagem artística”;

✓ Política Nacional Aldir Blanc de Fomento a Cultura (Lei 14399/2022): Possibilita o financiamento de ações culturais locais, incluindo projetos itinerantes, de inclusão, de formação e de valorização de expressões populares. Para este caso, considera-se um projeto de intervenção artística em hospitais, encaixando-se como “ações de cultura cidadã” ou de “impacto social”;

✓ SNC – SISTEMA NACIONAL DE CULTURA: Embora não seja um programa de fomento direto, é o marco institucional que organiza a política cultural. A intersectorialidade cultura-saúde é reconhecida como diretriz estratégica;

✓ FNC – FUNDO NACIONAL DE CULTURA e EDITAIS REGIONAIS: O projeto pode ser submetido a chamadas públicas ou convênios com entes públicos, desde que atendam aos critérios estabelecidos, de acesso, diversidade e inclusão cultural. Cada estado ou cidade com sistema de cultura pode abrir editais específicos para ações culturais em saúde, circo, teatro e artes integradas.

Sua sustentabilidade não pode depender apenas da resiliência de voluntários, mas deve ser assegurada por meio de editais específicos que reconheçam a natureza dessas iniciativas, situadas na interface entre cultura e saúde.

Além dos mecanismos de fomento cultural já citados, é fundamental que gestores públicos incluam, a capacitação de equipes na elaboração de projetos e na captação de recursos em seus planos de trabalho e editais de humanização, linhas de financiamento para práticas integrativas e complementares, como a palhaçaria hospitalar, fortalecendo a autonomia dos serviços e a gestão pública.

CONCLUSÃO

A humanização hospitalar, especialmente através da palhaçaria terapêutica, envolve cuidado emocional e social. O trabalho de Tânia e seus voluntários ilustra como pequenas ações podem transformar realidades. Ao resgatar a esperança e a dignidade de indivíduos em situações de fragilidade, a palhaçaria terapêutica opera como um mecanismo de equidade, especialmente para grupos marginalizados que enfrentam barreiras adicionais no sistema de saúde.

A interseccionalidade, neste contexto, surge como ferramenta fundamental para compreender e atuar sobre essas sobreposições de desigualdades. Projetos como esses, deveriam ser amplamente difundidos e incorporados às políticas públicas de saúde.

No Hospital São Vicente de Paulo, a intervenção lúdica com palhaçaria não apenas suaviza o ambiente clínico, mas também restabelece vínculos sociais e simbólicos entre usuários e o sistema de saúde. Essa prática, ao ser reconhecida como ação cultural, pode e deve ser incorporada de forma sistemática nas políticas públicas voltadas à saúde, sob os princípios do SNC e da PNH.

As conclusões aqui apresentadas não têm a pretensão de generalização estatística, mas de aprofundar a compreensão sobre os potenciais e desafios de iniciativas de humanização através da arte, servindo como um estudo de caso que pode informar a formulação de políticas públicas mais robustas e contextualizadas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 14.835, de 5 de julho de 2024. Institui o Sistema Nacional de Cultura (SNC)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 jul. 2024.. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14835.htm>. Acesso em 08/04/2025.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização (PNH). 1. ed. 1. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2013**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizausus>>. Acesso em 08/09/2025.

CAPELLA, Ana Cláudia Niedhardt. **Formulação de políticas públicas**. Brasília: ENAP, 2018.

ESTEVES, C. H., ANTUNES, C., CAIRES, S. **Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada**. 2014. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, n.51, p. 697-708, out/dez. 2014. doi: 10.1590/180757622013.0536. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/PjZKndSsG7yQSxNLFdH66Nq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 21/03/2025.

FERRAREZI, Elisabete; SARAVIA, Enrique. **Políticas públicas: coletânea**. v. 1. Brasília: ENAP, 2006.

GPÚBLICAS.ORG. **Interseccionalidade e Políticas Públicas: um novo olhar**. 2022. Disponível em: <<https://gpublicas.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Interseccionalidade-e-Politicas-Publicas.pdf>>. Acesso em: 22/04/2025.

VASCONCELLOS, Jaqueline Reis. **Escolas Culturais – Projeto governamental e intersetorial em arte e cultura – formas de abordagem para dança**. Salvador: XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2021. Disponível em: <<https://portalanda.org.br/wp-content/uploads/2020/12/ANDA-2020-EBOOK-3-DAN%C3%87A-EM-M%C3%9ALTIPILOS-CONTEXTOS.pdf>> Acesso em: 22/04/2025.

GUERRA, Lindaura Lopes Sampaio Dias. **Doutores da Alegria: o palhaço como profissional do lazer**. 2011. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/57867>>. Acesso em: 22/03/2025.

MANCILLA, Tânia. **[Entrevista]**. Entrevistador: Marco Aurélio Silva. Guarapuava, 24 mar. 2025.

OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **O núcleo de humanização, arte e saúde: uma experiência coletiva de produção social de saúde**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 198-211, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69375/0>>. Acesso em 20/03/2025.

SILVA, Glênio Oliveira da; OLIVEIRA, Guilherme Saamago de; SILVA, Michele Maria da. **Estudo de Caso Único: uma estratégia de pesquisa.** Revista Prisma, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 78-90, 2021 Disponível em: <<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/download/44/36>>. Acesso em: 08/09/2025.

APÊNDICES

Entrevista realizada em 24/03/2025, às 14:30, no Hospital São Vicente de Guarapuava, Unidade II – Câncer Center, com Tânia Mancilla, coordenadora do Setor de Humanização Hospitalar, é uma das responsáveis pelos grupos de “Palhaçaria Hospitalar” e sua atuação.

1) Nome completo, cargo e Função que ocupa no HSV?

Meu nome é Tânia Mancilla, eu já estou aqui no Hospital São Vicente trabalhando há dois anos e meio. Inicialmente eu entrei na parte administrativa, mas acabei assumindo a presidência da comissão de humanização aqui do hospital. Hoje a humanização tomou uma proporção um pouco grande, com as novas ideias que foram surgindo, e ele está se transformando em um setor. Então, atualmente eu sou presidente da comissão, mas estamos aí revendo os cargos para realmente ser a coordenadora do setor de humanização, que é uma das metas do hospital é realmente criar esse setor.

2) Esse setor de humanização, qual é o princípio básico dele?

Então, o princípio básico dele, a base da humanização é realmente criar ambientes e também ações de cunho humanitário mesmo, fazer ações de humanização para proporcionar uma experiência melhor para o paciente dentro do hospital. Então, nós temos adaptação de locais do atendimento, nós temos ações feitas semanalmente, que eu acho que não tem uma semana que não tenha nenhum tipo de ação. Então, essas ações têm a variedade da palhaçaria, da musicalização, um café especial que é preparado por voluntários, massoterapia, capelania hospitalar também está englobada nesse projeto. Então, há várias coisas que fazem a experiência do paciente um pouco melhor dentro do hospital. Porque eu sempre gosto de falar que entre todas as definições da humanização que a gente fala para poder melhorar a experiência do paciente, para poder criar um clima organizacional mais humanizado, eu gosto de dizer que a humanização quebra a lógica hospitalar, quebra a lógica do local. Então, o local onde a gente poderia ver pessoas tristes ou pessoas desmotivadas, a gente traz essas ações para poder dar esse diferencial. Por exemplo, já vou dar um exemplo para você, além dessas ações rotineiras que costumam ter, quando tem datas comemorativas, a gente faz um evento todo especial. Então, por exemplo, agora no carnaval, nós colocamos um grupo de samba dentro do hospital. Fizemos um bloco de carnaval dentro do hospital. Então, assim, a princípio eu fiquei até um pouco receosa, porque eu tenho essas ideias e só depois que começa a acontecer, eu pensei, meu Deus, o que eu estou fazendo, sabe? E eu fiquei até com receio, pensei, vai fazer muito barulho. Mas, olha, teve pacientes que saíram do ambulatório ali e acompanharam o bloco por todo o hospital. Então, foi bem interessante e bem... como é que eu posso estar dizendo? Receptivo. Porque nós tivemos pessoas que disseram, mas que bom que vocês vieram, porque eu não posso estar indo, sabe? Nossa, que alegria ter esse tipo de coisa aqui, né? Lembrei da minha infância. Então, a gente teve vários retornos positivos em relação a isso. Certo.

3) E na questão da “Palhaçaria Hospitalar” que você comentou, que seria o tema principal aqui da nossa entrevista, como surgiu essa ideia da palhaçaria?

Esse grupo tem um grupo específico, porque eu já vi outros lugares como Palhaços da Alegria, Doutores da Alegria, assim, cada um tem um nome em uma determinada região. Na verdade, a palhaçaria surgiu na minha vida em 2018. Na minha vida, né, em particular, depois de uma série de

acontecimentos ruins e, assim, até um quadro de depressão, eu descobri a palhaçaria e comecei a estudar e me envolver com o grupo da minha cidade. E logo depois eu mesma criei um grupo de voluntários com o intuito de realmente formar esses palhaços. E nós fazíamos visitas pontuais, não somente em hospitais, mas asilos, casas de abrigo de crianças e tudo mais. Quando eu vim para Guarapuava, que no caso eu não sou daqui, eu sou do interior de São Paulo, e eu comecei a trabalhar no hospital, eu comecei a implantar essas ideias, por isso que vem a humanização, essas ideias da importância dessas ações dentro do hospital. E a palhaçaria foi uma das primeiras ações que foi implantada pela humanização, né, em influência que eu mesma sou palhaço hospitalar e, assim, hoje nós temos três grupos de palhaçaria hospitalar que atuam dentro do hospital. Então, é a Trupe do Bem, que no caso seria o projeto que eu criei, só que esse projeto hoje só tem eu, porque, infelizmente, as coisas tomaram uma proporção que eu não consigo reunir os outros voluntários de fora, porque eu já cuido dos voluntários aqui dentro. Então, às vezes, quando surge uma situação pontual, ou seja, olha, a gente está com uma criança aqui que está muito nervosa, que vai passar por cirurgia, então é onde eu me caracterizo e vou até a criança, ou vou até o idoso, enfim. Então, são situações que acontecem, assim, do nada, e eu estou presente na entidade e eu acabo fazendo esse trabalho. Nós temos também o Plantão da Alegria, que é um grupo de palhaçaria que ele provém da igreja presbiteriana da cidade, mas eles têm um pouco mais religioso, né, eles fazem a propagação do evangelho de uma forma mais lúdica, né, e eles usam a palhaçaria para diminuir a tensão no momento, até porque a gente pode dizer que não é todo mundo que aceita uma mensagem espiritual, então talvez com a figura do palhaço foi a articulação que eles fizeram para poder ter esse aceite maior, né. E obviamente, além da mensagem, sempre tem uma graça, uma palhaçada, né, literalmente falando, que faz parte, exatamente, e daí o ambiente se torna muito mais leve, e eles também trabalham com a musicalização, então além de toda essa parte, eles também tocam música pelos corredores. Nós também temos a SolRisos, não sei se você já ouviu falar da Sorrisos? Se você quiser, eu até coloco você em contato com eles também. A Sorrisos, ele é um projeto unindo as faculdades UNICENTRO e Campo Real, então estudantes na área da saúde, seja medicina, fisioterapia, enfermagem, eles criaram um projeto dentro da faculdade, né, e eu também faço parte desse projeto. Então eles têm também as visitas mensalmente aqui conosco, né, daí já parte um pouco mais para a área da palhaçaria, da graça em si, né, de fazer a graça, vamos dizer assim, e também eles atuam aqui dentro com a gente, em visitas regulares também. Muito interessante.

4) Fontes de financiamento e parcerias.

- Como a organização se mantém financeiramente e quais os desafios enfrentados?

- Qual o papel das parcerias e do apoio governamental na sustentabilidade do projeto?

Bom, entrando na questão da parte de financiamento e parcerias, por exemplo, essa organização ela se mantém financeiramente com recursos próprios, isso? No caso, por exemplo, a nossa, a palhaçaria SolRisos, ela se mantém pelos próprios participantes, não existe nenhum financiamento. Voluntariado. Pelo voluntariado mesmo, tá? O pessoal da Presbiteriana, que é da plantão da Alegria, eles têm o recurso financeiro da própria igreja, né, e agora eu sou eu por eu mesma. Sempre foi, na verdade. Na verdade, esses projetos, eles são mais de público voluntário, né, somente quando se tem alguma ONG envolvida, uma associação, que a gente pode estar recebendo recursos de um outro fim, um fim governamental ou coisa do tipo. Mas, inicialmente, o que temos aqui disponível é somente voluntário.

Então, trabalha 100% voluntário. 100% voluntário. Não tem, assim, apoio financeiro de nenhuma entidade ou governamental de qualquer tipo. Não, não. Na verdade, o que acontece muito, Marco, por exemplo, o grupo em si, ele promove ações, né, vamos dar um exemplo, rifas, venda de salgados, enfim, para arrecadar recursos. E esses recursos, geralmente, são usados pra quê? Para comprar material pra estar realizando o trabalho. Então, assim, o palhaço, ele, além de todo o figurino que ele mesmo monta, de acordo com a característica do seu personagem, que é ele mesmo que custeia isso, né, mas também os instrumentos de trabalho, né, tem os instrumentos de música, tem brinquedos que podem ser comprados para fazer a parte lúdica, né, com as crianças, até com os adultos, que eles gostam bastante também. São pequenas coisas, né, lembrancinhas que podem ser compradas, pirulitos, são coisas que podem ser distribuídas ali naquela ocasião, entendeu? Durante a atividade, no caso.

5) Você acredita que as ações do grupo promovem a interseccionalidade, com base na educação, cultura e saúde, em um ambiente distinto como o do HSV?

Sim, eu acredito que sim, porque eu sempre gosto de falar, na verdade foi o que eu aprendi, que o palhaço, né, ele consegue transitar por vários mundos, vamos dizer assim. O palhaço, ele pode ser uma criança, como ele pode ser um adulto, como ele pode ser um velho, né, ele não tem preconceito com classe, com cor, com religião, então ele consegue trabalhar com todos os aspectos de etnia, vamos dizer assim, na questão cultural também, a gente também consegue transitar muito bem entre essa questão da cultura, né, porque o palhaço pode ser o que ele quiser, sabe? Então, o palhaço, ele consegue ser o que ele quiser e muito mais do que isso, ele consegue resgatar em si algo que muitas vezes foi esquecido e não por ele mesmo, mas pelo próximo. Então, vamos supor, se a gente aborda uma pessoa já de idade, né, muitas vezes a gente consegue remeter à juventude e à infância dele e isso que é interessante, sabe, é que a gente consegue viajar no tempo mesmo, né, tanto passado quanto futuro, a gente consegue transitar entre essas ocasiões. Então, eu falo com todas as propriedades, a palhaçaria é algo mágico, que você consegue ser o que você quiser. Então, podemos resumir assim que ele, além de promover cultura e educação, ele vai promover reconhecimento da diversidade e promover a inclusão. E a educação é interessante porque a gente tem trabalhos de palhaçaria que envolvem, eu falo da parte hospitalar, tá? O que envolve a parte hospitalar é que a gente pode estar trabalhando, por exemplo, campanhas educacionais como, campanha de saúde bucal, campanha de outubro rosa, novembro azul, setembro amarelo. Então, assim, tudo isso a gente consegue transitar. Tem trabalhos de palhaçaria que envolvem, muito mais além, porque são trabalhos feitos dentro de escola e a gente consegue abordar, por exemplo, o tema de sexualidade, de violência infantil. Então, é algo muito importante e, assim, muito extenso.

6) Análise dos impactos emocionais e psicológicos em pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde?

Se a gente for relacionar tudo onde o palhaço pode entrar, é infinito mesmo. Sim. Na verdade, é cientificamente comprovado que o riso, ele ameniza a dor. Ele é um analgésico momentâneo, mas ele ameniza a dor. Ele diminui o estresse, ele tira a ansiedade e isso é um impacto que vem não somente com os pacientes, seus acompanhantes, mas também com os nossos colaboradores. Porque, de uma maneira geral, a gente está aqui em prol do paciente, mas os nossos colaboradores também se envolvem com essas ações. Então, existem momentos onde a gente é surpreendido pelos nossos

colaboradores, falando assim, eu precisava que vocês estivessem aqui hoje, porque o dia foi pesado, porque o dia foi estressante, porque aconteceu tal situação e quando vocês chegam, tudo se ameniza. Então, o emocional da gente, mesmo estando abalado, em momentos de distração, a gente consegue dar aquela, opa, “perai”, não é assim. Tem alguma coisa boa para se fazer e a gente tem essas comprovações científicas que a própria ciência diz sobre o riso, sobre a graça. Então eu procurei sempre estudar, estudo ainda sobre a palhaçaria porque é algo que me interessa muito. Então sempre a doutora Lambretta entra em ação. Uma homenagem mais do que justa ao meu pai, ele é falecido já há 17 anos, né? E o meu pai, o apelido dele era Zé Lambretta, ele tinha uma característica muito engraçada, ele literalmente era um palhaço também? E naquela época, por coincidência, também eu tinha uma lambretinha. Então, uniu o útil ao agradável.

7) Considerações finais?

E assim, eu quero deixar aberto pra você, pra quem você conhecer, pra quem quiser tiver

*Interesse de estar com a gente, de colocar algum projeto aqui dentro, eu estou à disposição. Pra gente poder sentar, pensar junto, ver a nossa demanda, ver a necessidade, pra gente poder implantar projetos aqui dentro. E é legal você abrir isso aí, porque não só pra mim, quer dizer, mas é importante divulgar isso pra comunidade. Porque eu acho que tem muitos talentos que podem ser utilizados aqui nesse trabalho, nesse projeto. E não somente talentos, né? Pessoas **realmente dispostas** a ajudar. Porque, assim, eu sinto uma carência muito grande, sabe, Marco? De pessoas que querem ajudar, mas não sabem como e não sabem onde. Entende? Então, assim, são coisas que a gente, com todo esse conhecimento que as pessoas vão tendo, do que é feito aqui dentro, as coisas vão surgindo, né? Por exemplo, eu não sei se você sabe, mas eu já divulgarei pra você. A gente abrirá abrindo uma casa de apoio. Nós teremos uma terceira unidade do hospital. Então, a casa de apoio, ela vai ser construída ali próximo ao hotel Ibis, que tem aqui na entrada. Aqui no parque. Bem ali próximo, ali naquela lagoa, né? E vai ser uma casa de apoio para os pacientes que fazem tratamento aqui conosco. Certo. Mas também vai ser um hospice, ou seja, um local reservado para cuidar dos paliativos. Então, assim, atividades integrativas é o que mais a gente vai querer fazer com os nossos **pacientes**. É óbvio que existem **locais em que** existem pessoas contratadas pra se fazer isso, mas se a gente conseguir a ajuda da comunidade, a gente também cria uma consciência social das pessoas. Que eu acho extremamente importante, né? Extremamente importante e que às vezes não acontece. Porque uma coisa é você fazer porque você está sendo remunerado, outra coisa é você fazer de coração. Voluntariado, né? Mas não é muito difícil a gente encontrar pessoas que estejam dispostas a fazer algo sem nada em troca monetariamente. Então, por mais que a gente saiba que o tempo de vida, principalmente os pacientes oncológicos, em muitos casos não é longa, a gente não tem o direito de tirar a esperança dele. E o nosso trabalho é realmente amenizar esses momentos, de dor, de sofrimento, de angústia, de dúvidas.*